

Forma Estática - Forma Estética

Adolf Platz é dos historiadores da arquitetura moderna o que mais se interessa pelas relações formais entre estabilidade e estética das construções. Examina mesmo, historicamente, a influência que exerceu nas formas arquitetônicas o desenvolvimento do estudo teórico e experimental da Resistência dos Materiais, e explica com muita agudeza de observação a presença e a preponderância dessas conquistas de ordem técnica em certas obras do fim do século passado, quando a estética dos arquitetos era um pálido reflexo dos valores artísticos de outras épocas.

Com clareza e simplicidade ele nos fala num capítulo dos mais importantes da sua obra *Die Baukunst der neuesten Zeit*¹ dessa insegurança de julgamento estético provocada, entre os que cultivam os preceitos por eles mesmos julgados imutáveis e eternos da beleza transcendente e divina, pela descoberta de novas possibilidades materiais alcançadas pelos engenheiros.

Não se tratava, é preciso que se diga, tão somente de alterações estilísticas causadas pelo emprego de grandes vãos, ou melhor, pelas dimensões reduzidas dos diâmetros das colunas em relação a estes vãos que resultaram do uso de materiais de maior capacidade de resistência, alterações estilísticas que são mesmo negadas, como o foram pelo Sr. M. Ginsburg em artigo da revista *Architektura U.R.S.S.*², onde procura, não de todo sem razão, negar que um novo material possa ter, como consequência imediata, um novo estilo; tratava-se também do emprego de certos elementos construtivos com funções mecânicas específicas, como as rótulas dos arcos articulados, as tesouras de diversas composições de membratura, etc.; com a rótula empregou-se, pela primeira vez, a coluna sobre um “ponto de apoio” reduzidíssimo, permitindo assim o movimento real da estrutura; com as tesouras, um dimensionamento mais exato nas suas relações de “forma e esforço”.

Torna-se assim explicável que os engenheiros, de posse desses elementos tão deformadores dos conceitos estilísticos que dominavam os arquitetos de então, e ainda completamente isentos de qualquer ascendência ou tradição histórica, pudessem lançar as linhas principais e iniciadoras de uma arquitetura nova. É, portanto, com muita exatidão, que diz Behrendt: *While the architects, devoted only to the formalistic problem of style, became more and more estranged from the fundamentals of their art, the engineers remained in close contact with their time and kept place with the practise of building*.³

Mas essa contribuição do engenheiro no conservar o espírito real e intrínseco da arquitetura tem sido, muitas vezes, exagerada; tem-se mesmo, freqüentemente, considerado como formas as mais puras da arquitetura moderna as que resultam exatamente da estabilidade da construção ou, melhor dizendo, as dos perfis de igual resistência, reduzindo assim a “forma estética” a uma consequência da “forma estática”. E como esta última, na sua expressão modernamente aceita, é a que manteria o equilíbrio com a menor quantidade de matéria, o problema estético se reduziria ainda a um problema de economia, o que é absurdo. Pelo menos do ponto de vista estético-especulativo.

O que existe de verdadeiro, é o ser a forma projetada pelo arquiteto uma forma estabelecida a priori, apenas “condicionada” a uma questão de estabilidade, mas nunca resultante a posteriori

¹ PLATZ, ADOLF: *Die Baukunst der neuesten Zeit*

² GINSBURG, M: *Os problemas técnicos e a arquitetura contemporânea* (em língua russa)

³ BEHRENDT, CURT: *Modern Building*

desta última. Isto já foi, aliás, assinalado por W. Paalen em artigo na revista *Dyn*.⁴ Daí certos elementos construtivos obtidos com muito engenho e habilidade pelos engenheiros não serem muito do agrado dos arquitetos, como, por exemplo: as lajes cogumelo, os *voûtes* das estruturas aporticadas, etc., apesar de serem formas de transição muito puras e lógicas.

Os arquitetos procuram, às vezes, formas de transição mais raras, em desacordo com a solução mais verdadeira do ponto de vista estático; como exemplo lembrarei o *hall* de exposições do Ministério da Educação e Cultura, onde toda a carga de laje do primeiro teto é transmitida para os pilares por meio de “cachorros” delgados, sujeitos a grande esforço cortante; no entanto o seu efeito plástico é indiscutível.

Oscar Niemeyer, em três edifícios projetados para Brasília, utiliza os elementos externos de sustentação da coberta de uma maneira nova e original. Esses pilares externos se abrem em leque, procurando a laje do primeiro teto: no Palácio da Alvorada o contacto com a laje se faz no sentido longitudinal, eliminando a viga de contorno; nos Palácios do Planalto e do Supremo Tribunal, é feito transversalmente. As duas soluções são conseguidas esteticamente com superabundância de material construtivo.

Estes exemplos vêm mostrar que não há adaptação perfeita entre a estética dos arquitetos e a estática dos engenheiros, muito embora esta última tenha também a sua íntima importância estética. Não obstante as discrepâncias assinaladas, as invenções dos engenheiros, não só na criação de novos tipos construtivos, como também na produção de novos materiais, são indiscutivelmente as fontes principais onde se alimenta a capacidade criadora dos arquitetos.

1958

⁴ PAALEN, W: *About the origins of the doric column*